

CONSUMO DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS DO POVO INDÍGENA FULNI-Ô: CONHECER E BRINCAR

Graziella Mencyle da Rocha Silva ¹
Joseana Maria Saraiva ²
Ângela Maria Miguel ³
Elza de França Lima ⁴
Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima Santana ⁵

INTRODUÇÃO

A percepção da sociedade sobre o consumo de brinquedos tradicionais tem se transformado profundamente nas últimas décadas, impulsionada pelo interesse crescente em valores como preservação cultural, sustentabilidade e educação inclusiva e diversa.

Segundo Miller (2013), o consumo é uma prática cultural que varia de acordo com o contexto social e cultural. Para o autor, o consumo não deve ser visto como uma prática alienante ou superficial, mas como uma maneira pela qual as pessoas expressam e reforçam seus laços sociais e constroem significado nas suas vidas. Conforme Baudrillard (2009), o consumo vai além da simples satisfação de necessidades materiais e passa a desempenhar um papel central na construção da identidade e das relações sociais. Nesse sentido o consumo do artesanato que inclui a produção de adornos e outros objetos, com destaque para os brinquedos tradicionais indígenas do povo Fulni-ô são expressões da cultura e da identidade desse povo originário.

De acordo com Silveira (2013) o povo indígena Fulni-ô, localizado principalmente na região de Águas Belas, no estado de Pernambuco, é um dos poucos povos indígenas do Nordeste brasileiro que mantém sua língua nativa, o yaathe, e elementos culturais incluindo rituais sagrados, como o Ouricuri, um evento anual que

¹ Graduanda do Curso de **Bacharelado em Ciências do Consumo** da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, graziella.mencyle@ufrpe.br;

² Doutor pelo Curso de **Serviço Social** da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e Docente do Curso de Bacharelado em Ciências do Consumo da UFRPE da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFPE, joseana.marias@ufrpe.br;

³ Mestre pelo Curso de **Economia Doméstica** da Universidade Federal de Viçosa - UFV, e Docente do Curso de Bacharelado em Ciências do Consumo da UFRPE da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFPE, angela.miguel@ufrpe.br;

⁴ Graduanda do Curso de **Bacharelado em Ciências do Consumo** da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, elza297@gmail.com;

⁵ Mestre pelo Curso de **Nutrição** da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, e Docente do Curso de Bacharelado em Ciências do Consumo da UFRPE da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFPE daisyvangela.lima@ufrpe.br

ocorre em local reservado, sendo de grande significado espiritual e cultural para a comunidade.

Este trabalho fundamenta-se na importância de preservar e valorizar o patrimônio cultural do povo Fulni-ô, que habita a região de Águas Belas, em Pernambuco, e mantém vivas suas tradições culturais e linguísticas, principalmente por meio de suas memórias coletivas. Segundo Halbwachs (1990), a memória coletiva é construída, preservada e transmitida através das interações sociais, onde objetos, práticas e rituais desempenham um papel fundamental na criação e manutenção de lembranças compartilhadas. No caso dos brinquedos do povo Fulni-ô, esses objetos vão além de seu valor lúdico e se tornam veículos de memórias e tradições ancestrais, transmitindo às crianças valores, histórias e costumes de um povo.

Dessa maneira, o consumo desses brinquedos envolve mais do que o aspecto material: trata-se de uma experiência que fortalece a coesão social e a identidade de um povo. Ao trabalhar o consumo de brinquedos tradicionais indígenas com crianças do ensino fundamental, a pesquisa ultrapassa a simples aquisição de objetos e busca proporcionar uma experiência educativa que valoriza e reconhece a cultura indígena no contexto do processo formativo, onde o brincar é valorizado.

Conforme Dornelles (2001) o brincar, é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro e com o mundo. Para Cardazzo e Vieira (2007), o brincar é uma atividade predominante na infância e algo estudado no campo científico, com o intuito de caracterizar as suas peculiaridades, identificar as suas relações com o desenvolvimento e com a saúde e, entre outros objetivos, intervir nos processos de educação e de aprendizagem das crianças. Segundo Apalai, Brito e Custódio (2022) brincar é uma atividade que surge a partir da cultura de cada povo, sendo formada pelas vivências dos mais velhos e pela compreensão de suas práticas. Dessa maneira, brincar é uma forma de aprendizado que, por meio de interações sociais, vivências e experiências práticas, permite que as crianças descubram mais sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar e compreender, por meio de vivências práticas realizadas com crianças, se os participantes aprenderam aspectos do brincar e dos brinquedos tradicionais do povo indígena Fulni-ô.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa participante.

Segundo Gil (2006) a pesquisa participante é um método em que o pesquisador se insere ativamente com a comunidade ou grupo estudado, participando de suas atividades e colaborando no processo de construção de conhecimento. Em vez de atuar como observador, o pesquisador estabelece uma relação mais próxima com os participantes, tornando-os coautores do processo de pesquisa. Esse método de pesquisa é fundamentado na ideia de que o conhecimento é construído de maneira colaborativa, valorizando as perspectivas e saberes dos próprios participantes.

Participaram da pesquisa 25 crianças com idade de 6 a 11 anos, alunos/as do Ensino Fundamental de escolas públicas circunvizinhas à Universidade Federal Rural de Pernambuco, sujeitos do projeto de Extensão: “Ações socioeducativas para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental”, desenvolvido pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas para Infância e Adolescência – NEPIAD do Departamento de Ciências do Consumo/UFRPE.

Durante o mês de abril, foram realizadas atividades socioeducativas com as crianças do referido projeto, como:

- **Rodas de diálogos em sala de aula e ao ar livre:** durante a atividade foram apresentadas questões norteadoras que orientaram o diálogo, permitindo que as crianças construíssem um entendimento mais rico sobre os brinquedos e as brincadeiras indígenas, bem como sobre a diversidade cultural. As questões foram as seguintes: Vocês conhecem brinquedos indígenas? Como acham que eles são feitos? Como vocês acham que os povos indígenas aprenderam a fazer esses brinquedos e brincadeiras? Qual a diferença entre os brinquedos que você conhece e os brinquedos indígenas? Por que você acha que os brinquedos indígenas são importantes para os povos que os criaram? Como você se sente brincando com esses brinquedos? O que você acha que podemos aprender com os brinquedos e brincadeiras dos povos indígenas?
- **Visita ao evento "Guardiões da Terra"**, promovido pelo Parque Dois Irmãos em Recife/PE, onde foi realizada a "Exposição de Artesanato da etnia Fulni-ô".
- **Elaboração de textos reflexivos sobre as experiências vivenciadas:** a atividade foi orientada para que as crianças pudessem expressar por meio de palavras escritas o que sentiram ao brincar com os brinquedos indígenas, o que aprenderam sobre a cultura Fulni-ô e suas próprias percepções sobre a importância desses brinquedos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa evidenciam como a interação das crianças com os brinquedos e brincadeiras tradicionais indígenas impactou suas percepções sobre a cultura indígena, despertando curiosidade, admiração e respeito. Ao analisar as atividades realizadas, como as rodas de diálogos e a Exposição de Artesanato, foram identificadas transformações nas respostas e atitudes das crianças, que inicialmente desconheciam os brinquedos indígenas, mas, após a experiência, mostraram um maior entendimento e valorização desses elementos culturais.

Na roda de diálogo, as crianças expressaram surpresa ao descobrir os brinquedos indígenas, demonstrando inicialmente desconhecimento sobre eles. Esse momento de descoberta foi seguido pela apresentação e manuseio de objetos culturais significativos, como o arco e flecha, maracá e apito, que despertaram interesse e curiosidade. A Exposição de Artesanato permitiu que as crianças também manuseassem e adquirissem brinquedos indígenas e participassem de brincadeiras tradicionais com os indígenas, proporcionando uma experiência sensorial e educativa que contribuiu para a compreensão da cultura indígena. De acordo com Halbwachs (1990), a memória coletiva é construída e fortalecida por meio de interações sociais e objetos significativos, e o contato com esses brinquedos permitiu que as crianças experimentassem essa troca cultural e consolidassem memórias compartilhadas de forma positiva.

A análise dos relatos verbais das crianças, e textos escritos, revelam que elas descreveram as atividades como “incríveis” e “muito legais” e mencionaram o desejo de “voltar para brincar novamente com os indígenas na feira de artesanato”. Elas também expressaram admiração e respeito pela cultura indígena, com frases como: “Eu nunca tinha visto um arco e flecha de verdade, e quando brinquei, foi incrível!” e “Eu aprendi muito sobre a cultura.” Esses depoimentos refletem um aprendizado significativo e alinhado aos objetivos da atividade, que buscava promover a conscientização sobre a diversidade cultural e o respeito pelos saberes dos povos indígenas. As respostas das crianças apontam para uma experiência de aprendizado e respeito à alteridade, em que o contato direto com a cultura Fulni-ô ajudou a desconstruir estereótipos e a construir uma imagem mais positiva e próxima das tradições indígenas.

Os resultados reforçam a importância de adotar práticas educativas que incentivem a conscientização e o respeito à diversidade cultural. Brincar com os brinquedos indígenas possibilitou uma vivência prática e afetiva que estimulou o interesse pela cultura e tradição dos povos originários, conforme defendido por Huizinga (2007) que vê o brincar

como uma forma de aprendizagem social e cultural. Assim, a experiência com os brinquedos Fulni-ô transcendeu o aspecto material, oferecendo uma conexão simbólica e afetiva com as tradições e valores indígenas.

Esses resultados evidenciam a relevância de atividades educativas que incentivem o reconhecimento e o respeito pela diversidade cultural desde a infância, proporcionando um aprendizado que vai além da sala de aula e estimula nas crianças uma apreciação genuína pelas tradições indígenas. A prática de promover o contato com brinquedos tradicionais se mostra eficaz para despertar um sentimento de valorização da herança sociocultural indígena, confirmando que os saberes ancestrais, transmitidos de geração em geração, encontram eco em práticas educativas que respeitam e celebram essa riqueza cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destacou a importância dos brinquedos tradicionais do povo indígena Fulni-ô como ferramentas de preservação cultural e educação intercultural. Através das vivências práticas, foi possível observar que as crianças desenvolveram uma apreciação pelos saberes indígenas, manifestando curiosidade, respeito e interesse pela diversidade cultural. Ao promover o contato direto com brinquedos e brincadeiras, a atividade não apenas ampliou o repertório lúdico das crianças, mas também despertou nelas um sentimento de valorização e respeito pela herança cultural dos povos originários.

Os resultados evidenciam que práticas educativas focadas em experiências interculturais podem desempenhar um papel fundamental no fortalecimento da empatia e do respeito pelas diferentes tradições culturais. Ao incorporar essas práticas contribuimos para a formação de uma geração mais consciente e inclusiva, sensível à diversidade cultural e aos valores socioculturais de povos tradicionais.

Dessa forma, conclui-se que a integração de brinquedos e brincadeiras tradicionais indígenas é uma estratégia eficaz para enriquecer o processo de ensino aprendizagem, promovendo um contato mais profundo com a diversidade e incentivando o reconhecimento da riqueza cultural dos povos indígenas. A continuidade desse trabalho em contextos educacionais mais amplos pode contribuir para a construção de uma sociedade que valoriza e respeita as tradições e saberes ancestrais, promovendo o diálogo e a inclusão cultural desde a infância.

AGRADECIMENTOS

À Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Cidadania – PROExC/UFRPE pelo apoio ao projeto de extensão “Ações socioeducativas para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental”, e o compromisso em promover iniciativas que fortalecem a inclusão e a cidadania, que tem contribuído para o desenvolvimento educativo e cultural das crianças.

Ao Sindicato dos Trabalhadores Públicos Federais em Saúde e Previdência Social no Estado de Pernambuco - SINDSPREV pela parceria, que foi fundamental para ampliar o alcance e o impacto das atividades realizadas com as crianças, proporcionando momentos de aprendizado e valorização da diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

APALAI, Arawaje Waiana; BRITO, Angela do Céu Ubaiara; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. O brincar das crianças indígenas no Pará: um olhar para as narrativas e vivências do povo Aparai. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 1, p. 115-131, jan./abr. 2022.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Lisboa: **Edições 70 Lda**, 1995. 213 p.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estud. Pesqui. Psicol.** v. 7, n. 1, p. 89-101, 2007.

DORNELLES, L. V. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis E. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre, **Art Med**, 2001.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: **Atlas**, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. São Paulo, **Editora Revistas dos Tribunais Ltda**, 1990. 190 p.

MILLER, Daniel. Trecos, Troços e Coisas: Estudos antropológicos sobre a Cultura Material. Daniel Miller; Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar, 2013. 248 p.
SILVEIRA, Lídia Márcia Lima de Cerqueira; MARQUES, Luciana Rosa; SILVA Edson Hely. FULNI-Ô: história e educação de um povo bilingue em Pernambuco. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 19, n. 1, p.31-41, jan./abr. 2012.